

**PERCEÇÕES SOBRE METODOLOGIAS INCENTIVADORAS DE INTENÇÕES
EMPREENDEDORAS EM ALUNOS CONCLUINTE DE UM CURSO DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS OFERECIDO POR UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DA
CIDADE DE SÃO PAULO**

**PERCEPTIONS METHODOLOGIES BACKERS OF ENTREPRENEURIAL
INTENTIONS IN GRADUATING STUDENTS OF A COURSE IN ACCOUNTING
OFFERED BY A HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN SÃO PAULO**

VILMA GENI SLOMSKI¹

LUIS FERNANDO ROCHA²

VANIA VILMA NUNES TEIXEIRA³

RONALDO FROIS DE CARVALHO⁴

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as percepções sobre metodologias incentivadoras de intenções empreendedoras de alunos concluintes de um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da cidade de São Paulo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritivo-quantitativa. Os dados foram coletados, por meio de questionário aplicado *on line*. Constatou-se haver grande interesse dos alunos em serem empresários, 88% concordam que “ser um empreendedor implicaria grande satisfação”, seguido de 72%, que demonstrou “estar disposto a fazer de tudo para ser empresário”, de 67% que diz estar disposto a “fazer todos os esforços para criar e manter a própria empresa” e de 88% que diz “estar decidido a criar uma empresa no futuro”. Quanto às competências necessárias ao empreendedor 67,65% dos alunos indicaram o “conhecimento na área dos negócios” e 59% a “atitude empreendedora”. Quanto às atividades que despertam o espírito empreendedor no aluno, 87% disseram que não foi desenvolvido atividades em sala de aula como a “criação de uma empresa”, seguido de 48% que dizem não terem visitado uma empresas, de 81% que dizem que não foi realizado estudos de caso e de 54% “seminários e palestras com empresários”. Conclui-se que uma educação empreendedora com metodologias que privilegiem a prática de gestão empresarial podem contribuir para fomentar as intenções empreendedoras dos alunos dos cursos nas áreas de negócios e do empreendedorismo no Brasil.

ABSTRACT: This research aimed to understand the perceptions of methodologies backers of entrepreneurial intentions of students attending a course in Accounting offered by an HEI in São Paulo. To this end, we carried out a descriptive quantitative research. Data were collected through questionnaire online. It was found that there is great interest of students in being entrepreneurs, 88% agree that “being an entrepreneur would great satisfaction”, followed by 72% who demonstrated “be willing to do anything to be an entrepreneur”, 67% said that being willing to “make every effort to create and maintain the company itself” and 88% saying “be determined to create a company in the future.” Concerning the skills necessary for venturer 67.65% of students indicated “knowledge in the business” and 59% to “entrepreneurial attitude”. As activities that awaken the entrepreneurial spirit in students, 87% said it was not developed activities in the classroom as the “creation of a company”, followed by 48% who say they have not played one companies, 81% who say that not been carried out case studies and 54% “seminars and lectures to entrepreneurs.” It is concluded that an entrepreneurial education with methodologies that emphasize practical business management can help foster the entrepreneurial intentions of students in courses in business and entrepreneurship in Brazil.

Keywords: Accounting Education. Entrepreneurship. Entrepreneurial skills. Teaching strategies.

Palavras-Chave: Educação Contábil. Empreendedorismo. Competências empreendedoras. Estratégias de ensino.

Sumário: 1 Introdução - 2 Fundamentação teórica - 2.1 O conceito de empreendedorismo - 2.1.1 Competências necessárias ao empreendedor - 2.2 A Formação empreendedora no curso de ciências contábeis – 2.2.1 Perfil de competências do contador - 3 Metodologia - 4 Resultados e discussões - 4.1 Um perfil dos colaboradores da pesquisa - 4.2 Intenções empreendedoras dos pesquisados - 4.3 Atividades incentivadoras das intenções empreendedoras realizadas durante o curso de ciências contábeis - 4.4 Competências empreendedora percebidas como essenciais ao empreendedor - 4.5 Motivações para o empreendedorismo - 5 Considerações Finais – Referências.

¹ Pós-Doutorado em Controladoria e Contabilidade EAC/FEA/ USP, doutorado em Educação/FEUSP. Professora e Pesquisadora Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP). E-mail: vilma.geni@fecap.br.

² Mestre em Ciências Contábeis pela Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP). Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: luisrocha.pro@gmail.com.

³ Mestranda em Ciências Contábeis pela Fundação escola de Comércio Álvares Penteado –FECAP. Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: vaniateix@hotmail.com.

⁴ Doutor em Educação pela PUC/SP. Centro Universitário da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP). E-mail: rfcarvalho@fecap.br.

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos, a acirrada competitividade e a necessidade de agregação de valor aos produtos influenciam sobremaneira os negócios e fazem com que as empresas se preocupem cada vez mais com a qualificação dos seus funcionários e invistam na formação de equipes capazes de fazer a diferença. A chamada nova economia, na era do conhecimento e da informação tem mostrado que ideias inovadoras, *know-how*, um bom planejamento e, principalmente, uma equipe competente e motivada fazem a diferença, ainda mais quando somados à criação de novos negócios (o capital) podem gerar negócios grandiosos em curto espaço de tempo (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2008).

Pode-se afirmar que estas mudanças são decorrentes da inovação, ou de um novo modo de ver e utilizar coisas que já existem. Isso significa que “por trás destas inovações existem pessoas, ou equipes com um conjunto de características especiais, visionárias, que questionam, investigam, arriscam, que fazem as coisas acontecerem, enfim, que empreendem” (DORNELAS, 2008, p. 19). Diante disso, faz-se necessário investir na qualificação das pessoas de modo que sejam repensadas as competências necessárias para garantir a inserção social e profissional (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2008).

Neste contexto, Iudícibus e Marion (2002) afirmam que a formação do profissional contábil inclui não apenas conhecimentos técnicos (qualificação formal), mas a capacidade de mobilizá-los para resolver e enfrentar os imprevistos nas situações de trabalho. O contador dispõe de um mercado de trabalho amplo e com opções diversificadas para seu crescimento profissional, entretanto, faz-se necessário um conjunto de qualificações que lhes permitam enfrentar os desafios e exigências da profissão.

A relevância da formação científica e tecnológica do contador, para além da competência técnica diante das exigências e desafios da modernidade tem se tornado o centro das preocupações dos órgãos responsáveis pela formação destes profissionais tais como IFAC (2010). As mudanças curriculares nacionais instituídas pela Lei 9.394/1996, intitulada Lei de Diretrizes e Bases tem o propósito de alinhar os currículos dos cursos de graduação às necessidades do mundo de trabalho. Assim, a resolução CNE/CES nº 10/2004 propõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Ciências Contábeis a serem implementadas pelas Instituições de Ensino Superior. Essa resolução apresenta um perfil de competências, habilidades e valores esperados aos egressos dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil.

Diante deste perfil profissional destaca-se a importância da formação e perspectiva para uma atuação empreendedora do contador e dos profissionais de contabilidade, que cada vez mais deixam de trabalhar em função das tradicionais demandas por cálculos e apuração de impostos para o cumprimento de obrigações legais, e passam a se utilizar da contabilidade de maneira mais criativa, na perspectiva de um enfoque mais gerencial (IUDÍCIBUS; MARION, 2002). Nesse cenário, surge a questão para a esta pesquisa: **Quais são as percepções sobre metodologias incentivadoras de intenções empreendedoras de alunos concluintes de um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma Instituição de Ensino Superior da cidade de São Paulo?**

No intuito de responder a esta problemática elaborou-se como objetivo conhecer as estratégias de ensino incentivadoras das intenções empreendedoras na percepção de alunos concluintes de um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da cidade

de São Paulo, procurando identificar práticas de ensino que possam contribuir para o desenvolvimento de competências empreendedoras durante o curso de graduação.

Espera-se que este estudo possa contribuir para aprofundar as discussões sobre competências empreendedoras dos discentes da graduação, bem como, ofereça subsídios aos gestores dos cursos de Ciências Contábeis para revisões curriculares e atualizações com vistas a atender os desafios contemporâneos e exigências da profissão Contábil. Por outro lado, poderá também desencadear novas pesquisas voltadas para o conhecimento do perfil de competências profissionais dos egressos e consequentemente seus processos formativos de modo a indicar caminhos mais assertivos e adequados na formação do Contador.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO

Uma breve retomada histórica do termo indica uma ideia pouco difusa do termo e sua associação a comportamentos como “aceitação do risco” e à “compra e venda de produtos” (LUÍS, 2004, p. 23). Para Sarkar (2007, p. 43) empreendedor é “alguém que toma decisões sobre como usar e adquirir recursos assumindo o risco”.

Entretanto, Sarkar (2007, p. 43), assevera que é por volta de 1776 que o termo empreendedorismo associa-se ao conceito de economia e os empreendedores passam a ser vistos como “agentes econômicos que transformam a procura em oferta”. Seguindo esta lógica em 1780, incorpora-se a ideia de inovação ao termo que passa a ser visto como uma forma de reduzir o risco dos negócios. Nesta linha de raciocínio, em 1803, incorpora-se ao conceito a ideia de oportunidade de negócio, visando a satisfação das necessidades das pessoas, isto é, “a visão dos empreendedores como criadores de valor” (LUÍS, 2004, p. 23).

A parti de meados de 1930, o termo empreendedorismo associa-se à inovação, entretanto, com uma visão mais ampla e criativa da economia, para Dana (2004, p.137) isso ocorre seja pela introdução de um novo produto ou método de produção, ou com a abertura de um novo mercado e criação de uma nova empresa” acreditava-se que “os negócios empreendedores “quebravam novos terrenos” e descontinuidades, desenvolvendo novos caminhos de negócio e aceitando o aumento de risco” (DANA, 2004, p. 137).

Isso indica que a ideia de empreendedorismo associa-se também ao comportamento de risco, fato que permite um entendimento mais amplo do termo e, assim, uma contribuição maior ao gerenciamento dos negócios (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2008, p. 6). Fillion (1999, p. 21) corrobora com estas idéias quando diz que o empreendedor é aquele “indivíduo capaz de sonhar e transformar seu sonho em realidade, bem como gerar e distribuir riquezas”. Neste sentido, Hisrich e Peters (2004, p. 26) ao abordar o tema empreendedorismo definem o empreendedor como um “indivíduo que se arrisca e dá início a algo novo”. O empreendedor vai além, possui visão mais ampla de mundo, é gestor, visionário e não foca apenas no que deve ser feito, mas no que se pode fazer melhor aquilo que se faz.

Percebe-se pelo exposto que o empreendedorismo é mais do que conhecimento técnico, mas uma experiência de vida (DORNELAS, 2008). A formação empreendedora acontece ao longo da vida, por isso o curso de graduação deve elaborar projeto pedagógico que contemple em seus currículos disciplinas voltadas para a formação empreendedora.

Neste sentido, faz-se necessário uma revisão nos cursos de graduação e nas práticas de ensino referentes ao desenvolvimento do espírito empreendedor nos alunos, em vista do surgimento de jovens empreendedores e de empreendimentos com base na criatividade, inovação, motivação e empenho. A existência de indivíduos empreendedores é condição básica para o surgimento de novos empreendimentos, sabe-se que muitas pessoas criam empresas, mas só os empreendedores são capazes de fazer com que programam e perdurem.

2.1.1 Competências necessárias ao empreendedor

O foco deste estudo é o currículo por competências nos cursos de graduação, deste modo, adota-se as ideias defendidas por Le Boterf (1999) e Perrenoud (1999) quando dizem que a competência não se restringe a um saber-fazer (saber técnico) onde o indivíduo é visto e tratado em função de comportamentos esperados e observáveis, que pode ser objeto de gerenciamento através de mecanismos de controle, mas sim como sujeito que pode ir além do prescrito, que pode agir e tomar decisões. Neste sentido, Carvalho (2006, p. 23) afirma que as aprendizagens proporcionadas devem fornecer ao formando “a aquisição específica de habilidades e capacidades, a aquisição de fatos e informações úteis ao exercício, a possibilidade de resolver os problemas comuns, ou que surjam de súbito na atividade em concreto”.

Em relação a competência empreendedora, Prahalad e Hamel (1990) oferecem importante contribuição quando sugerem que as competências podem ser subdivididas em três grandes blocos: as essenciais, são aquelas que diferenciam a organização dos seus concorrentes, conferindo-lhe vantagem competitiva: as funcionais, que se caracterizam por serem necessárias às atividades vitais da organização (como competências para desenvolver o produto, vendê-lo, valorizá-lo, etc.); e individuais, que se referem aos atributos pessoais da força de trabalho, sendo que as competências empreendedoras inserem-se nessa última categoria. Neste sentido, o comportamento empreendedor é parte integrante da profissionalização, são competências necessárias tanto para os gestores das organizações como para todos os indivíduos que desejam abrir ou que fazem parte de um plano de negócio.

Em acordo com estas ideias, Perrenoud (1999, p. 45) afirma que “se o aprendizado não for associado a uma ou mais práticas sociais, suscetível de ter sentido para os alunos, será rapidamente esquecido, considerado como um dos obstáculos a ser vencido para conseguir um diploma, e não como competência a ser assimilada para dominar situações de vida”. Neste sentido, Dornelas (2008) ressalta que a formação empreendedora não deve se limitar a uma disciplina isolada e fragmentada, mas fazer parte da formação profissional como um todo. Segundo Le Boterf (1999) um currículo por competências é constituído da integração do saber (savoir), saber fazer (savoir – faire) e saber agir (savoir – agir), ou seja:

A competência é a capacidade de integrar os saberes diversos e heterogêneos para finalizá-los sobre a realização das atividades. (...) não são transferíveis, mas sim temos que criar condições favoráveis para a construção pessoal de competências. Ao contrário a definição abrange um saber combinatório, onde o sujeito é o centro da competência. (...) onde ele faz através da combinação e mobilização de um duplo conjunto de recursos: os incorporados (conhecimentos, experiências, qualidades pessoais, vivências, etc.)

e a rede de recursos de seu ambiente (redes profissionais, redes documentais, banco de dados, etc.) (LE BOTERF, 1999, p. 21).

Estas características do conceito de competência enquadram-se numa visão sistêmica e integradora do conceito de educação empreendedora e de empreendedorismo, indo além da técnica e incluindo valores, habilidades e conhecimentos científicos, pois além da formação racional e técnica está a educação científica, analítica e crítica do indivíduo.

Neste estudo busca-se superar o conceito de empreendedorismo restrito ao investimento e criação de empresas e ampliar para uma visão voltada para o comportamento humano, que percebe o empreendedor como uma pessoa criativa, que tem iniciativa, sendo capaz de estabelecer metas e atingir objetivos. Desta forma, a criatividade e a capacidade de inovação são atributos essenciais a um indivíduo empreendedor. Isso corrobora com a visão de Schumpeter (1985, p. 92), o aspecto central do desenvolvimento econômico está na capacidade de inovação dos indivíduos e na percepção e aproveitamento das novas oportunidades de negócios.

2.2 A FORMAÇÃO EMPREENDEDORA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Num cenário de mudanças culturais, tecnológicas, sociais e econômicas o empreendedorismo apresenta-se como um fato para o ensino da administração e contabilidade. Estudos (DOLABELA, 1999; DORNELAS, 2008; LUÍS, 2004) defendem a educação empreendedora e o desenvolvimento de competências por intermédio da educação e da vivência. Existe um consenso entre ESTES estudiosos de que o empreendedorismo deve ser um tema transversal na matriz curricular dos cursos de graduação, especialmente naqueles da área dos negócios. Para Dolabela (1999) o empreendedorismo é algo que se aprende seja pela convivência familiar ou pela educação formal, mas que as IES devem ensinar comportamentos empreendedores.

A formação de contadores capazes de responder aos desafios que a profissão lhes coloca, depende da construção de Projeto Político Pedagógico (PPP) para o curso de Ciências Contábeis e da contemplação de projetos transdisciplinares onde o tema do empreendedorismo perpassa a matriz curricular. Seja como disciplina ou projetos interdisciplinares o tema é de grande importância, sobretudo por adequar-se aos novos formatos das relações de trabalho e do novo perfil do trabalhador (DOLABELA, 1999).

Embora, existam posicionamentos que defendem uma certa “predisposição” do indivíduo para o empreendedorismo, é, no entanto, consensual também o entendimento de que as competências empreendedoras podem ser desenvolvidas e estas estão relacionadas com “as capacidades de gestão, *know-how* dos negócios e a criatividade” (SARKAR, 2007, p. 84). Já para Giovanela et al. (2010) o ensino do empreendedorismo na graduação surge como uma possibilidade para desenvolver o espírito empreendedor dos futuros profissionais. Para a autora, aprender a ser empreendedor e tornar-se um deles deveria fazer parte do currículo dos cursos de graduação ligados a negócios, uma vez que esta faz parte dos contextos social, econômico, cultural e de negócios, em diversas áreas de atuação. Para Dolabella (1999) tem se tornado emergente a necessidade de ensinar e de aprender a ser empreendedor.

Contudo, Filion (1999) chama a atenção para o princípio didático e a metodologia de ensino adotada pelo professor em sala de aula. A prática de ensino precisa valer-

se de estratégias que conduzam os alunos a estruturarem contextos e tomadas de decisões, definirem planos de negócios e compreenderem as várias etapas de sua execução, avaliação e evolução. A educação empreendedora deverá ajudar os alunos no seu desenvolvimento na área dos negócios, devendo ser utilizar de metodologias diversificadas e significativas, devendo estabelecer atividades de aprendizagem que articulem teoria e prática e promovam a motivação e o interesse empreendedor dos alunos (DORNELAS, 2008).

Ferreira e Mattos (2003) entendem que as práticas de ensino que incentivam o empreendedorismo são aquelas que simulam uma situação de empreendimento com atividades práticas, interativas e significativas para os alunos. Para os autores, as metodologias que se limitam a simples transmissão de conhecimento, tendem a inibir o interesse e a criatividade dos alunos. A aquisição de conhecimentos, habilidades e valores dependem de um ensino que faça a ponte entre a teoria e a prática, ligando ciência e trabalho.

Souza e Guimarães, (2005) discutem o ensino do empreendedorismo e afirmam que a universidade precisa se adaptar às mudanças para melhor desempenhar sua função social qual seja, ensino, pesquisa e extensão ou difusão da cultura e da informação alinhada ao que o mundo do trabalho requer. Para esta conexão as IES necessitam considerar as novas tecnologias e metodologias que proporcionam o avanço do conhecimento. Dentre as obrigações das IES, os autores acrescentam “o desenvolvimento de competências empreendedoras e a disseminação da cultura do empreendedorismo”. Neste sentido, citam comportamentos o autoconhecimento desenvolvido com base em conceitos em atitudes como perseverança, imaginação, criatividade e inovação. Para tanto, cabe à IES “proporcionar um ambiente favorável, disponibilizando espaços de discussão e reflexão que permitam o desenvolvimento de competências empreendedoras” (SOUZA; GUIMARÃES, 2005, p. 201).

Dornelas (2008) afirma que já é tempo de as IES ensinarem aos jovens a essência do empreendedorismo. O autor ressalta a necessidade das IES formar um profissional capaz de gerir seu próprio negócio e não apenas ser um excelente funcionário dentro de uma corporação. Entretanto, ressalta que esta concepção advém de novas percepções por parte das IES e propõe como objetivos de ensino-aprendizagem como a identificação e entendimento das habilidades do empreendedor; a identificação e análise de oportunidades de negócios, bem como ocorre o processo de inovação e empreendedorismo; identificar fatores que evidenciem a importância do empreendedorismo no desenvolvimento econômico, tendo como atividades práticas a preparação e utilização de um plano de negócios; a identificação de fontes e obtenção de financiamentos para o novo negócio; gerenciar e fazer a empresa crescer.

O estudo de Vesper e Gartner (1997) traz importantes indicações sobre como o indivíduo poderá desenvolver e aperfeiçoar seus conhecimentos empreendedores, e, neste sentido, enumera três maneiras diferentes a saber: iniciar sua vida profissional no tipo de negócio em que pretende atuar; iniciar um negócio e aprender passo a passo, ou desenvolver um plano de negócios e estudar suas etapas e minúcias. Estas dicas são importantes e precisam ser consideradas nos planos de ensino do empreendedorismo na graduação.

Estas colocações indicam que são vários os estudos que se preocupam com o ensino do empreendedorismo. O trabalho de Dolabela (1999), Pardini e Paim (2001), Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2007); Dornelas (2008) dentre outros, reportam esta

trajetória, no mundo e no Brasil. Para Dornelas (2008) há ainda um latente esforço de organismos governamentais no que se refere à disseminação da cultura empreendedora. Isso significa dizer que é preciso considerar os elementos componentes da competência empreendedora na educação superior. Entretanto, esta formação deve fazer parte do ensino crítico e da educação transformadora, que por meio de projetos transdisciplinares, permeie as disciplinas constantes da matriz curricular.

Neste sentido, Pardini e Paim (2001) sugerem que a abordagem do ensino do empreendedorismo seja interdisciplinar, num grande entrelaçamento entre comunidade, docentes e discentes. Estas colocações evidenciam um olhar mais sistêmico e interdisciplinar nos cursos de graduação, especialmente em contabilidade, pois à medida em que o indivíduo é envolto por um ambiente empreendedor e por pessoas que possuem e mobilizam competências empreendedoras como: o trabalho em equipe; a liderança; a tolerância a erros e ao risco, pode incentivar e despertar a intenção empreendedora dos aprendentes. Neste sentido, deve-se criar espaços de aprendizagens que propiciem “a aquisição de habilidades, valores, conhecimentos e informações úteis ao exercício da profissão e a possibilidade de resolver os problemas comuns, imprevistos nas atividades em concreto” (CARVALHO, 2006, p. 23).

O fato é que se tenha a clareza de que esta formação deve fazer parte das competências do desenvolvimento profissional com um todo e ser tratado como um fato isolado. Não pode ser pensada como uma disciplina isolada, fechada em si mesma e ministrado de forma fragmentada e isolada das demais disciplinas, caindo assim no modelo tecnicista e disciplinar que caracteriza o ensino superior brasileiro. É preciso que o aluno construa seu conhecimento a partir de suas vivências e troca de experiências em sala de aula. Segundo Hoeltgebaum, Tomio e Dreher (2003) o empreendedorismo precisa ser vivido pelos alunos, que podem impactar positivamente o desenvolvimento econômico. O ensino do empreendedorismo nas IES está sendo inserido nos currículos, com foco a formar alunos que estejam adequados às novas necessidades das organizações, seja pelo negócio próprio ou não.

2.2.1 Perfil de competências do Contador

O profissional contábil deve ser visto como um comunicador de informações essenciais na tomada de decisões, pois a habilidade em avaliar fatos passados, perceber os presentes e predizer eventos futuros pode ser compreendida como fator preponderante para o sucesso empresarial (IUDÍCIBUS; MARION, 2002). Em acordo com estes ideais está a Resolução nº 10 de 2004, ao descrever as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Ciências Contábeis, retrata no art. 3º que o curso deve ensejar condições para que o futuro contabilista seja capacitado a:

- I – compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização; II – apresentar pleno domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com a plena utilização de inovações tecnológicas; III - revelar capacidade crítico-analítica avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação.

Estas diretrizes indicam a necessidade de redirecionamento da educação do contador e sua contribuição no processo de geração de valor às organizações, buscando incorporar outras habilidades pessoais para adaptarem-se a essas demandas tais como: desenvolver a capacidade de pleno entendimento do negócio da organização, adotar uma postura mais empreendedora, habilidades em comunicação interpessoal, atitudes proativas e visão de futuro.

Percebe-se pelo exposto que no nível superior, assim como em qualquer nível de ensino, o desenvolvimento intelectual dos estudantes, em especial na graduação em Contabilidade requer o desenvolvimento de capacidades técnicas, valores e comportamentos sociais, incluindo habilidades de comunicação, capacidade de planejamento, pensamento estratégico, crítico e analítico e habilidades de cálculo, incluindo lógica (IFAC, 2010).

Cardoso (2006) realizou estudo sobre a existência de interdependência estrutural contábil, chegando à conclusão de que se pode esquematizar uma estrutura genérica de competências do Contador, compreendendo: competências específicas (contabilidade e finanças, legal e ferramentas de controle); competências de conduta e administração (comunicação, empreendedor, estratégica, integridade e confiança); competências de gerenciamento da informação (negociação, técnicas de gestão e gerenciamento da informação) e competências de comunicação (ouvir eficazmente, atendimento e trabalho em equipe).

Neste sentido, Mulatinho (2005) afirma que a gestão organizacional contemporânea requer do Contador: cultura geral, criatividade, habilidade no relacionamento interpessoal, abertura ao novo, busca do aprendizado contínuo e visão interdisciplinar. O mercado global exige profissionais de alto nível, com capacitação técnica e teórica da contabilidade, nacional e internacional; no domínio de línguas estrangeiras; conhecimentos atrelados à tecnologia de informação e métodos quantitativos; do papel da contabilidade nas questões ambientais e sociais, bem como a exigência por comportamentos éticos e morais no exercício de sua profissão.

Tezza; Silveira e Hoeltgebaum, (2006, p. 48) mencionam que “é papel das IES o desenvolvimento de competências empreendedoras e a disseminação da cultura do empreendedorismo”, visto que, cada vez mais, o mundo do trabalho exige o alinhamento com a academia em vista de necessita de indivíduos autônomos e criativos, ajustados às novas ordens, servindo tanto para os que têm seu próprio negócio como para os que trabalham em empresas. Estas competências ao serem contempladas pelos cursos de Ciências Contábeis contribuirão para a formação de contadores menos focados na dimensão financeira e na rotina da contabilidade, passando a dedicar-se às atividades gerenciais e a geração de informações que subsidiem tomadas de decisões e agreguem maior valor às organizações.

Silva (2002, p. 6) destaca que “o profissional da área contábil deve ser muito mais que um simples contador, deve necessariamente ser um gerenciador de informações, que possuir uma visão global do mundo e que converta as informações contábeis de que dispõe em benefícios à organização”. Para atender estes enfoques, é necessária a incorporação de habilidades até então desconsideradas ou não tão enfatizadas na formação profissional dos contadores tal como a educação empreendedora.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo deste estudo, optou-se pela pesquisa descritiva de abordagem quantitativa como a mais adequada. A pesquisa delimitou-se a um curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IES da cidade de São Paulo. A população foi composta por 989 alunos regularmente matriculados no curso de Ciências Contábeis no ano de 2012. Desta população selecionou-se uma turma de concluintes pertencentes ao 8º período do curso, sendo que a amostra ficou composta por 33 alunos.

Os dados foram coletados por meio de questionário com questões estruturadas e abertas, visando identificar o comportamento empreendedor dos alunos e suas opiniões sobre estratégias de ensino de empreendedorismo mais utilizadas no curso que podem contribuir para o aprimoramento deste comportamento.

O questionário foi dividido em quatro partes interligadas e consecutivas, a saber: **a)** num primeiro momento foi feito um levantamento do perfil demográfico e profissional dos alunos; **b)** a segunda parte teve como objetivo delinear um perfil das intenções empreendedoras dos alunos. Nesta parte do questionário foi utilizado o estudo de Hecke (2011) dividido em 4 blocos (Bloco 1 – atitudes pessoais; Bloco 2 – normas subjetivas; Bloco 3 – controle comportamental percebido; Bloco 4 – intenções empreendedoras); **c)** A terceira parte do trabalho foi adaptada do estudo de Ferreira e Mattos (2007) que teve por objetivo investigar a percepção sobre práticas de ensino incentivadoras do empreendedorismo de alunos empreendedores dos cursos de administração. Para a coleta de dados utilizou questionário e entrevista. Neste estudo, esta parte buscou identificar a percepção dos alunos sobre a frequência em que os professores do curso utilizam no curso estratégias de ensino que despertam o espírito empreendedor. Foram apresentadas 09 atividades e mensurado a percepção por meio de uma escala *likert* que apontou para os seguintes graus de frequência a) Nunca; b) Ocasional; c) Freqüente; d) Habitual; **d)** A quarta parte teve como objetivo identificar as competências empreendedoras valorizadas pelos alunos em um empreendedor.

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. As questões fechadas foram analisadas por meio da estatística descritiva. As questões abertas foram analisadas por meio de análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (1977) prevê três etapas: 1ª) a pré-análise 2ª) a exploração do material; 3ª) o tratamento dos resultados. Sendo assim, após concluídas as fases acima decidiu-se pela categorização das respostas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 UM PERFIL DOS COLABORADORES DA PESQUISA

Constatou-se haver um equilíbrio entre homens e mulheres, 50% dos respondentes são do gênero feminino e 50% masculino. Quanto a faixa etária tem-se que 32,35% dos alunos tem entre 21 e 25 anos, seguido de 35,29% com idade entre 26 e 30 anos, revelando um público bastante jovem no curso e na profissão.

Em relação ao tempo em que trabalha na empresa tem-se que 5,89% dos alunos declaram que atualmente não estão trabalhando; e 94,11% dos alunos têm a seguinte atuação nas empresas nas quais trabalham: 50% dos alunos possuem de 1 a 3 anos, seguido de 17,65% que afirmam estarem trabalhando entre 4 a 6 anos, e 11,76% que estão a menos de 1 ano .

No que se refere ao tempo de experiência na função atual, tem-se 39,40% dos

alunos possuem de 1 a 3 anos de experiência, seguido de 27,27 % com 4 a 6 anos, e 15,15% com menos de 1 ano. Apenas 6,06% estão acima de 10 anos. Quanto a experiência do aluno em relação ao plano de negócios 91,18% afirmaram nunca ter feito parte de um plano de negócio.

Estes resultados corroboram com Souza e Guimarães, (2005) ao afirmar que a universidade necessita considerar as novas tecnologias e metodologias que proporcionam o avanço do conhecimento e o desenvolvimento de competências empreendedoras bem como a disseminação da cultura do empreendedorismo. Neste sentido, citam comportamentos como o autoconhecimento desenvolvido com base em conceitos, e atitudes como perseverança, imaginação, criatividade e inovação. Isso permite dizer que cabe à IES “proporcionar um ambiente favorável, disponibilizando espaços de discussão e reflexão que permitam o desenvolvimento de competências empreendedoras” (SOUZA; GUIMARÃES, 2005, p. 201).

4.2 INTENÇÕES EMPREENDEDORAS DOS PESQUISADOS

Quanto às atitudes pessoais os dados da Tabela 1 demonstram que 70% dos alunos discordam que “ser um empreendedor implica mais vantagens do que desvantagens”, seguido de 88% que concordam que “ser um empreendedor implicaria grande satisfação”, de 76% que discordam que se “tivesse oportunidade e recursos, gostaria de criar uma empresa” e de 54 % que considera “a carreira de empresário atraente”.

Tabela 1 - Atitudes pessoais quanto ao empreendedorismo

	ASSERTIVAS	DT	DP	NCND	CP	CT
1	Ser um empreendedor implica mais vantagens do que desvantagens para mim.	55%	15%	9%	12%	9%
2	A carreira de empresário é atraente para mim.	4%	18%	24%	33%	21%
3	Se eu tivesse oportunidade e recursos, gostaria de criar uma empresa.	12%	64%	12%	6%	6%
4	Ser um empreendedor implicaria grande satisfação para mim.	3%	9%	0%	61%	27%
5	Entre as várias opções, eu prefiro ser um empresário.	22%	30%	18%	18%	12%

Quanto as normas subjetivas ou influência do ambiente social, os alunos foram questionados da seguinte forma: **Se você decidisse criar uma empresa, que pessoas próximas a você iria consultar para a tomada de decisão quanto ao tipo de negócio?** Os dados da Tabela 2 demonstram que 55% concordam que seriam “os seus colegas”, seguido de 51% que discordam que seriam “os seus parentes ligados ao ramo de negócio”, e 52% concordam que seriam “um empresário de sucesso” e 51% que concordam que “seriam os seus parentes mais próximos”.

Tabela 2 - Influencia social quanto ao empreendedorismo

ASSERTIVAS		DT	DP	NCND	CP	CT
1	Os seus parentes ligados aro ramo do negócio.	39%	12%	13%	27%	9%
2	Os seus amigos empreendedores.	12%	37%	15%	27%	9%
3	Os seus colegas.	21%	15%	9%	52%	3%
4	Um empresário de sucesso.	0%	0%	48%	39%	13%
5	Os seus parentes mais próximos.	33%	0%	16%	27%	24%

De acordo com este resultado pode-se dizer que os alunos tem como referencia os seus colegas o que indica pouca vivência e experiências dos pesquisados quanto a formação empreendedora tanto no âmbito familiar como acadêmico, pois, tem-se que 91,18% dos alunos pesquisados nunca fizeram parte de um plano de negócios. Este dado corrobora com o estudo de Hoeltgebaum, Tomio e Dreher (2003) que ressalta a importância da vivencia do empreendedorismo. O aluno precisa construir seu conhecimento a partir de suas vivências e troca de experiências em sala de aula.

Quanto a auto-percepção sobre o controle do comportamento percebido, os alunos foram questionados da seguinte forma: **Até que ponto você concorda com a seguinte declaração a respeito de sua capacidade empreendedora?** Os dados da Tabela 3 demonstram que 42% concordam em “iniciar uma empresa e mantê-la funcionando”, seguido de 57% que entendem que “não estão preparados para iniciar um negócio viável”, e 60% afirmam que “se tentasse criar uma empresa, teria uma alta probabilidade de sucesso”.

Tabela 3 - Auto-percepção das competências empreendedoras

ASSERTIVAS		DT	DP	NCND	CP	CT
1	Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.	0%	22%	36%	33%	9%
2	Estou preparado para iniciar um negócio viável.	36%	21%	27%	10%	6%
3	Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.	18%	39%	0%	37%	6%
4	Eu conheço os detalhes práticos necessários para criar uma empresa.	27%	6%	24%	30%	13%
5	Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.	33%	7%	24%	18%	18%
6	Se eu tentasse criar uma empresa, teria uma alta probabilidade de sucesso.	15%	3%	21%	21%	39%

Esses dados revelam por um lado o potencial latente do aluno para o empreendedorismo, independente de ter vivenciado atividades didáticas voltadas ao empreendedorismo no ensino superior e de ter tido maiores experiências no âmbito organizacional. Esse fato corrobora com estudos como de Pardini e Paim (2001), Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2007), Souza Neto et al (2007), Dornelas (2008) dentre outros, Dornelas (2008) quando ressaltam que as competências deve fazer parte da preocupação tanto dos órgãos governamentais como da educação superior.

Quanto as intenções empreendedoras, os dados da Tabela 4 demonstram que 78% declaram que tem “pensado muito seriamente em criar uma empresa”, e 88% estão

“decidido a criar uma empresa no futuro” com 67% que farão “todos os esforços para criar e manter minha própria empresa”. No entanto, observa-se que 72% não tem como objetivo profissional tornar um empresário.

Tabela 4 - Auto-percepção das intenções empreendedoras

	ASSERTIVAS	DT	DP	NCND	CP	CT
1	Eu estou pronto a fazer de tudo para ser um empresário.	6%	12%	33%	39%	9%
2	Meu objetivo profissional é tornar-se um empresário.	33%	39%	6%	15%	6%
3	Farei todos os esforços para criar e manter minha própria empresa.	15%	3%	15%	6%	61%
4	Eu estou decidido a criar uma empresa no futuro.	3%	0%	9%	64%	24%
5	Tenho pensado muito seriamente em criar uma empresa.	6%	0%	15%	39%	39%
6	Tenho a firme intenção em criar uma empresa dentro de poucos dias.	27%	12%	15%	36%	9%

Os resultados revelam uma idéia ainda pouco difusa do aluno quanto ao empreendedorismo, ao mesmo em que deseja ser empresário, parece não ser este seu objetivo profissional. Esse dado corrobora com o estudo de Vesper e Gartner (1997) que revela a necessidade do indivíduo desenvolver e aperfeiçoar seus conhecimentos empreendedores

4.3 ATIVIDADES INCENTIVADORAS DAS INTENÇÕES EMPREENDEDORAS REALIZADAS DURANTE O CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Os dados da tabela 05 evidenciam que 87% dos alunos afirmam não sido criada uma empresa com a intenção de desenvolver aspectos do processo de abertura de uma empresa, seguido de 54% que mencionam não ter sido realizado seminários e palestras com empresários de sucesso bem como não terem elaborado um plano de negócio e nele discutido a gestão do meio ambiente. Por outro lado, 82% dos respondentes afirmam ter sido desenvolvido atividades didáticas que aprimoram as competência gerenciais ligadas ao bloco de negócios, contabilidade financeira.

Tabela 5 - Atividades incentivadoras do espírito empreendedor realizadas durante o curso

	ASSERTIVAS	DT	DP	NCND	CP	CT
1	Foi criada uma empresa com a finalidade de desenvolver comportamentos relacionados ao processo de abertura, gerenciamento e controle de uma empresa.	48%	39%	6%	6%	0%
2	Foi elaborado um plano de negócio com o objetivo de tornar-se um empresário de sucesso, a partir do desenvolvimento de um produto e/ou serviço.	21%	18%	18%	33%	9%
3	Foram realizadas atividades extraclasse com visitas a empresas com o objetivo de conhecer "in loco" de planos de negócios.	21%	27%	24%	18%	9%
4	Foram utilizados casos de sucesso e experiências inovadoras na área empresarial, focando o processo de tomada de decisão gerencial.	27%	6%	48%	9%	9%
5	Foram realizados seminários e palestras com executivos e empresários de sucesso.	42%	12%	21%	9%	15%
6	Foram elaborados planos de negócio com práticas de gestão do meio ambiente.	12%	42%	9%	36%	0%
7	Foi desenvolvido conteúdo e solicitado leituras ligadas ao tema empreendedorismo.	27%	15%	6%	6%	45%
8	Foram desenvolvidas atividades nas quais precisou-se mobilizar competências gerenciais tais como: trabalho em equipe, identificação, estudo, análise e tomada de decisão diante de problemas que envolveram a contabilidade financeira e/ou gerencial.	9%	0%	9%	15%	67%
9	Foram utilizados jogos de empresas com o objetivo de exercitar o planejamento e controle da produção.	12%	30%	27%	24%	6%
10	Foi incentivado a realização de atividades de estágios extracurriculares e outras atividades práticas ligadas ao empreendedorismo durante o curso.	33%	24%	12%	24%	6%
11	Foram desenvolvidas outras atividades ligadas ao empreendedorismo.	0%	0%	70%	6%	24%

Os dados da Tabela 5 parece evidenciar que houve poucas vivências empreendedoras por parte dos alunos no curso de Ciências Contábeis. Isso demonstra a necessidade de se construir projetos e espaços mais efetivos no currículo para a formação empreendedora do aluno. Esse resultado corrobora com o estudo de Linñan e Chen (2009) que afirmam haver uma valorização do empreendedorismo como opção de carreira e uma maior probabilidade das pessoas desenvolverem atitudes favoráveis diante de atividades didáticas que despertam o espírito empreendedor.

4.4 COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORA PERCEBIDAS COMO ESSENCIAIS AO EMPREENDEDOR

Foi perguntado aos alunos **quais seriam as três principais características que um empreendedor deve ter?** Os dados do Gráfico 3 mostram que 67,65 % dos respondentes dizem ser o conhecimento da área de negócios, seguido de 58,82% que apontam a atitude empreendedora, e 41,18% que indicam o planejamento e a persistência.

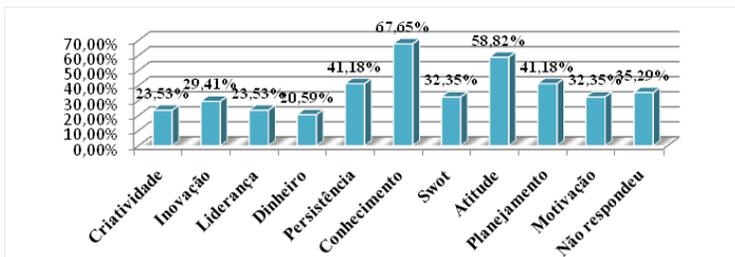


Gráfico 1 – Características essenciais do empreendedor

Estes dados estão em acordo com as ideias de Le Boterf (1999) e Perrenoud (1999) quando dizem que competência não se restringe a dimensão técnica, saber-fazer mas a comportamentos mas sim como profissional autônomo que pode ir além do prescrito, que saiba agir e tomar decisões. Neste sentido, cabe a IES e demais instituições educacionais perceberem a necessidade de despertar o espírito empreendedor nos alunos de modo que identifiquem oportunidades e sejam capazes de gerenciar estas oportunidades, com redução de riscos e da probabilidade de fracasso.

4.5 MOTIVAÇÕES PARA O EMPREENDEDORISMO

Quanto as motivações para ser empreendedor foi perguntado aos alunos: **Na sua opinião, o que desperta o espírito empreendedor no aluno?** Os dados do Gráfico 4 mostram que 35,29% afirmam ser o status e 32,35% entendem ser o dinheiro o atrativo para o empreendedorismo.

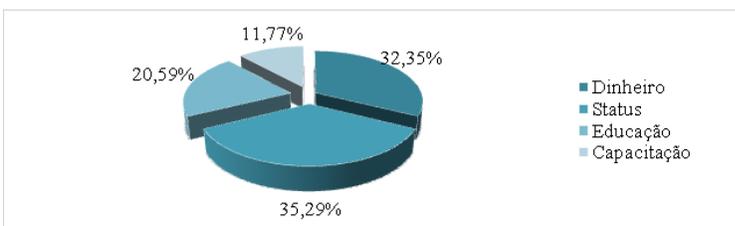


Gráfico 2 – Motivações para o empreendedorismo

Os resultados confirmam a necessidade de investir no comportamento do egresso no sentido de empreender. O fato de 32,36 % afirmarem ser a educação o atrativo para o empreendedorismo, confirma a questão onde 84 % dos pesquisados afirmam “não estão capacitados para iniciar um negócio viável”. O conceito de empreendedorismo, vai além da geração de riqueza, à criação de empresas se relaciona com o desenvolvimento de uma sociedade. Esse pensamento é corroborado por Forte (2006) quando diz que a educação empreendedora cria a base para as ações de estímulo ao desenvolvimento do potencial empreendedor dos indivíduos, possibilita uma visão sistêmica de desenvolvimento, que vai além do crescimento econômico, abrangendo também os aspectos sociais, ambientais, culturais e éticos.

Neste sentido, as IES devem investir em projetos de educação voltados para o desenvolvimento empreendedor dos alunos “bem como a articular políticas públicas estaduais para o desenvolvimento econômico, social, ambiental de uma região” (FORTE, 2006, p. 17).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou as percepções dos alunos quanto a intenções e práticas de ensino que despertam o empreendedorismo. Constatou-se que os alunos tem grande interesse em criar seu próprio negócio, 88% concordam que “ser um empreendedor implicaria grande satisfação”, seguido de 64% que afirmam que se “tivesse oportunidade e recursos, gostaria de criar uma empresa” e de 54 % que consideram “a carreira de empresário atraente”. Quanto ao desejo de serem empreendedores constatou-se que 78% dos pesquisados declaram que tem “pensado muito seriamente em criar uma empresa”, e 88% estão “decidido a criar uma empresa no futuro” com 67% que farão “todos os esforços para criar e manter minha própria empresa”, este interesse existe apesar de 84% entenderem que “não estão capacitados para iniciar um negócio viável”.

No que se refere as pessoas que poderiam orientar a tomada de decisão quanto ao tipo de negócio a investir tem-se que 55% concordam que seriam “os seus colegas”, seguido de 52% que concordam que seriam “um empresário de sucesso” e 51% que “seriam os seus parentes mais próximos”. Este dado revela fortes intenções empreendedoras dos alunos, embora 91% dos entrevistados tenham afirmado que nunca elaboraram ou fizeram parte de um plano de negócios. Quanto as atividades incentivadoras das intenções empreendedoras realizadas durante o curso de ciências contábeis tem-se que 87% dos alunos afirmam não sido criada uma empresa com a intenção de desenvolver aspectos do processo de abertura de uma empresa, seguido de 54% que mencionam não ter sido realizado seminários e palestras com empresários de sucesso bem como não terem elaborado um plano de negócio e nele discutido a gestão do meio ambiente. Por outro lado, 82% dos respondentes afirmam ter sido desenvolvido atividades didáticas que aprimoram as competências gerenciais ligadas ao bloco de negócios, contabilidade financeira.

Os resultados alcançados por meio do questionamento sobre atividades que na opinião do aluno desperta o espírito empreendedor tem-se que 33% dos alunos afirmam ser a educação para o empreendedorismo. Isto demonstra que as atitudes empreendedoras devem ser estimuladas nos estudantes dos cursos superiores, em especial aquelas ligadas aos negócios, seja para criarem seus próprios negócios ou gerirem os micros e pequenos empreendimentos familiares, com uma postura de empreendedor. Nesse âmbito, as IES tornam-se os principais espaços para empreendedores, em especial por meio das atividades desenvolvidas nas quais os alunos possam desenvolver planos de negócios, atividades práticas nas quais se formalize o ensino do empreendedorismo.

Uma das principais limitações deste estudo encontra-se na falta de robustez da base dados, uma vez que se limitou a turma de concluintes do curso de ciências contábeis da IES selecionada. Deste modo, os resultados apurados são apenas aproximações da realidade pesquisada e não englobam todos os aspectos do fenômeno estudado, pois, por mais eficiente que possa ser o método empregado, os resultados, por estarem sujeitos a pouca representatividade interferências ambientais, pessoais (pesquisadores e pesquisados), consistem apenas numa representação do real e não ao próprio real.

Espera-se que esta pesquisa contribua para a revisão dos currículos e a contemplação de metodologias ativas no ensino que enfoquem formas para lidar com a ambiguidade e exercer a prática de definir problemas e projetar soluções.

Como pesquisas futuras sugere-se ampliar a base de dados para sejam representativas da realidade estudada de modo que se possa focar questões ligadas ao

processo de ensino e aprendizagem a fim de ampliar a compreensão sobre o indivíduo empreendedor e subsidiar política de formação de empreendedores para a inovação e a diferença no ramo de negócios.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Trata sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB).

CARDOSO, R. L. **Competências do contador**: um estudo empírico. 2006. 169 f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARVALHO, A. **Educação e formação profissional**: conceitos e relações. PATRÍCIO, M. (org.) Educação e Formação Profissional. Porto: Porto Editora, 2006.

DANA, L. (2004). **Handbook of Research on International Entrepreneurship**. Massachussets: EE.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editora, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 3 ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2008.

FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. Empreendedorismo e práticas didáticas nos cursos de graduação em administração: os estudantes levantam o problema. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXVII**, 2003, Atibaia. *Anais...* Atibaia: Bourbon Atibaia Hotel, 2003.

FILION, L. J. **Empreendedorismo**: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo v.34, n.2, abril/junho, 1999.

FORTE, F. J. Z. (2006). **El papel de la educación emprendedora para el siglo**. Disponível em <http://ftp.ceces.upr.edu.cu/centro/repositorio/Textuales/Articulos/Papel_de_la_educacion_emprendedora_SigloXXI.pdf>

GIOVANELA, A. et al. **As características da disciplina de empreendedorismo em instituições de ensino superior (IES) do Estado de Santa Catarina**. Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

HECKE, A. P. **A Intenção Empreendedora dos Alunos Concluintes dos Cursos de Graduação em Administração e Ciências Contábeis das Instituições de Ensino Superior de Curitiba-PR**. Curitiba, 2011.

HISRIC, R.; PETERS, M. e SHEPHERD, D. **The nature and importance of entrepreneurship**. Entrepreneurship, 2008.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman Companhia Ed., 2004.

HOELTGEBAUM, M.; TOMIO, D.; DREHER, M. T. Uma nova concepção do ensino do empreendedorismo: uma visão além do business plan. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – EGEPE, 3, 2003, Brasília. Anais... Londrina: UEL/UEM/ UnB, 2003.

IFAC – **International Federation of Accountants** (2010). International Accounting Standards Board Educação – IAESB. Disponível em:<<http://www.ifac.org/>>. Acesso em: 20/01/2012.

IUDÍCIBUS, S ; MARION, J. C. **Introdução à Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2002, 3 ed.

LE BOTERF, G. **L'ingénierie des compétences**. Paris: Les Éditions d'Organisation, 1999.

LUÍS, N. **O impacto do perfil empreendedor na Internacionalização**. Tese de Mestrado em Ciências Empresariais. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004.

MULATINHO, C. E. S. **A educação continuada e a qualificação profissional dos contadores**: Um enfoque no modelo desenvolvido pela Organização das Nações Unidas na formação do contador global. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

PARDINI; D. J.; PAIM, L. R. C. **Empreendedorismo e interdisciplinaridade**: uma proposta metodológica no ensino de graduação. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS** – EGEPE, 2, 2001, Londrina. Anais... Londrin: UEL/UEM, 2001. p. 227-240.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed Sul, 1999.

PRAHALAD, C. K.; HAMEL, G. The core competence of the corporation. **Harvard Business Review**, v. 68, n. 3, p. 79-91, may/june. 1990.

SARKAR, S. (2007). **Empreendedorismo e inovação**. Lisboa: Escolar Editora

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

SILVA, A. L. S. **O perfil do profissional contábil, sob a ótica dos gestores das micro- indústrias da Região da Campanha do Rio Grande do Sul e sua postura frente ao mercado globalizado**. Dissertação de Mestrado em Integração e Cooperação Internacional. Universidade da Região de Campanha – Brasil; Universidade Nacional de Rosário – Argentina e Centro de Estudios em Relaciones Internacionales de Rosário – CERIR, 2002.

SOUZA; E. C. L.; GUIMARÃES, T. A. **Empreendedorismo além do plano de negócio**. São Paulo: Atlas, 2005.

TEZZA, G. O. A.; SILVEIRA, A.; HOELTGEBAUM, M.. **A educação empreendedora nos cursos de graduação em administração de Santa Catarina e do Paraná, Brasil.** In: SILVEIRA, Amélia; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Ensino na área de administração e avaliação de instituições de ensino superior. Blumenau: Edifurb, 2006.

VESPER, K. H.; GARTNER, W. B. Measuring progress. In: **Entrepreneurship education:** Journal of Business Venturing, v. 12 n. 5, p. 403-21, 1997.

Artigo recebido em: Outubro/2013

Aceito em: Junho/2014